



ENTRE MAPAS E NARRATIVAS¹: REFLEXÕES SOBRE AS CARTOGRAFIAS DA LITERATURA, A LITERATURA DA CARTOGRAFIA E A ORDEM DAS COISAS²

BETWEEN MAPS AND NARRATIVES: REFLECTIONS ON THE CARTOGRAPHIES OF LITERATURE, THE LITERATURE OF CARTOGRAPHY AND THE ORDER OF THINGS

Jörn Seemann

*Departamento de Geociências
Universidade Regional do Cariri
Crato, Ceará
e-mail: jornseemann@gmail.com*

Recebido em: 01.12.2013

Aceito em: 23.12.2013

Resumo³

O estudo das relações entre a literatura e a cartografia merece uma análise além das formas convencionais de investigação diante das discussões recentes sobre espacialidade e mapas na literatura e da influência de novas abordagens nos debates cartográficos que convidam a repensar os mapas. Enquanto escritores mostram um interesse cada vez maior no potencial metafórico do mapa, cartógrafos começaram a investigar a natureza performativa e processual dos mapas e utilizar ferramentas cartográficas para revelar tramas e enredos. Apresento diversas abordagens para fortalecer esse diálogo interdisciplinar entre obras literárias e representações cartográficas. Inspirado em publicações recentes no campo da geografia cultural, argumento que conceitos como “evento”, “narrativa” e “história” podem abrir novos caminhos para o estudo da interface entre estudos literários e a cartografia como práticas socioculturais. Para realizar essa revisão bibliográfica uso uma estratégia inusitada através da qual pretendo questionar e quebrar a estrutura rígida das narrativas em obras literárias e aproximar as produções textuais mais da natureza simultânea e relacional dos mapas. O corpo do texto tem o caráter de um resumo e consiste em menos do que duas páginas, enquanto as notas de fim servem como verdadeiras seções de um artigo que não precisam ser lidas em ordem sequencial.

Palavras-chave: Representações cartográficas na literatura; mapeamentos literários; eventos.

Abstract

The study of the relations between literature and cartography deserves an analysis beyond the conventional forms of investigation in the light of recent discussion on spatiality and maps in literature and the influence of new approaches in the debates on cartography that invite us to rethink maps. Whereas writers show an increasing interest in the metaphorical potential of maps, cartographers have started to investigate the performative and processual nature of maps and employ cartographic tools to reveal plots and stories. I present different approaches to strengthen this interdisciplinary dialogue between literary works and cartographic representations. Inspired in recent publications from the field of cultural geography, I argue that concepts such as “event”, “narrative” and “story” could open up new avenues for the study of the interface between literary studies and cartography as sociocultural practices. For this bibliographic review, I employ an unusual strategy through which I aim to question and break the rigid structure of narratives in literary works in order to move texts closer to the simultaneous and relational nature of maps. The body of the text has the characteristic of an abstract and consists of less than two pages, whereas the endnotes serve as true sections of an article that need not be read in sequential order.

Keywords: Cartographical representations in literature; literary mappings; events.

INTRODUÇÃO

Nos últimos vinte anos, surgiram duas tendências na interface entre os estudos literários e a cartografia que tiveram um impacto considerável no debate interdisciplinar sobre as relações entre literatura e geografia em geral e romances e mapas em particular.⁴

Por um lado, uma virada espacial no campo das humanidades resultou em uma maior consideração da dimensão geográfica em pesquisas sobre literatura, cinema, música e arte, levando-se em conta que essas práticas socioculturais são essencialmente espaciais.⁵ Partindo de obras literárias, pesquisadores começaram a investigar como narrativas em romances e poemas refletem e criam espaços e lugares reais e fictícios.⁶ Esses trabalhos vão além das estratégias comuns de interpretar textos e visam utilizar diversos métodos cartográficos que, por sua vez, servirão como subsídio para visualizar tramas e movimentos nas obras literárias e extrair informações que a sequência e linearidade da narrativa não são capazes de desvendar. A simultaneidade nos mapas complementa e desafia a estrutura sequencial do texto escrito.⁷

Por outro lado, o surgimento de uma virada processual e pós-estruturalista na geografia cultural e na cartografia nas últimas décadas resultou em uma reflexão mais crítica sobre a natureza dos mapas e os princípios de representação. Esses modos de repensar mapas e mapeamentos têm como ponto central o problema de como apresentar e visualizar informações não convencionais, incompletas, imprecisas e/ou não cartesianas que por muito tempo tinham sido consideradas não cartografáveis pelos estudiosos da área. O objetivo nessa abordagem não é apenas investigar como as narrativas de uma obra literária poderiam ser traduzidas para formas gráficas ou como o espaço real inspira o espaço fictício. À luz das filosofias de autores como Gilles Deleuze, Felix Guattari, Jean Baudrillard e Jacques Derrida entre muitos outros, os cartógrafos críticos agora procuram estudar a natureza performativa e dinâmica dos mapas, superando o seu emprego como espelho da realidade e mera representação estática no papel. A cartografia chega a ser entendida como uma disciplina que busca revelar contextos, movimentos e práticas humanas em constante criação.⁸

Esses pensamentos novos nas áreas de estudos literários e da cartografia se complementam e rompem com as concepções tradicionais sobre textos e imagens. Ao mesmo tempo, essas ideias ajudam a abrir espaço para um debate mais amplo sobre narrativas e os diferentes modos de mapeá-las. Obras literárias e mapas são vistos como eventos ou processos e não como objetos e produtos.⁹

METODOLOGIA

Este artigo é uma revisão bibliográfica das publicações mais recentes sobre a temática a partir de diferentes pontos de vista, desde o crítico literário e o escritor como cartógrafo até o cartógrafo como escritor. Visa-se apontar narrativas e metanarrativas, convergências e divergências, métodos e modos e indicar possíveis caminhos para um diálogo interdisciplinar entre os estudos literários e a cartografia, com o intuito de pesquisar essas cartografias literárias no Brasil e no mundo na sua interface entre imaginário, espaço e cultura.¹⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS¹

A análise das publicações recentes na interface entre a cartografia e os estudos literários mostra um fortalecimento de diálogos interdisciplinares e uma tendência de inovar e experimentar. A combinação de teorias e metodologias de diversas áreas aponta para novos caminhos para explorar as relações entre mapas e literatura.

NOTAS:

¹ AVISO AO LEITOR: Esse artigo tem um formato diferente e pode ser prejudicial à sua concepção sobre a leitura de textos, sobretudo no que se refere a produções científicas! Ao elaborar esse artigo esbarrei em uma questão muito intrigante: qual seria a forma adequada para apresentar as minhas ideias sobre literatura cartográfica e cartografias literárias? Na sua maioria, artigos acadêmicos são produções verbais que obedecem à mesma estrutura como a narrativa de um romance, um conto ou um poema. Um mapa, por sua vez, transmite relatividade e simultaneidade, já que é possível ver e ler diferentes ideias, pensamentos, conceitos ou fatos ao mesmo tempo sem vagar o olhar da esquerda à direita e de cima para baixo. Há uma maior liberdade para os olhos. Senti que para discutir as interfaces entre mapas e literatura precisa-se dar mais atenção às maneiras de ler textos e mapas, com o intuito de aproximar as duas áreas. Como escrever um texto sem adotar a sequência de uma narrativa? Existem outras maneiras e como se pode pô-las em prática?

Encontrei uma inspiração no escritor e viajante americano Barry Lopez que escreveu uma história curta e pouco conhecida com o título bombástico “Rubén Mendoza Vega, Professor da Cadeira Suzuki de História Inicial do Caribe, Universidade da Flórida em Gainesville, oferece uma história dos Estados Unidos baseada na sua experiência pessoal” (LOPEZ, 2000). O texto é uma paródia do rigor e da formalidade nos trabalhos científicos e do uso exagerado de notas (rodapé ou de fim). No conto sem muita coerência, Lopez narra a história resumida (fictícia) das Américas a partir da perspectiva do professor Rubén Mendoza Vega (personagem também fictício) e o envolvimento da família desse acadêmico no processo de formação territorial no Novo Mundo, desde o ano 1524 em que Hernán Cortez

concedeu terras a um dos seus ancestrais até a menção de detalhes sobre o comportamento dos seus filhos e a situação político-econômica em Cuba. O título do conto tem pouco em comum com os seus conteúdos, divagando e derivando do tema. O texto consiste em apenas 13 linhas, mas as 16 notas de fim se estendem em um espaço de mais do que nove páginas para explicar alguns pontos do relato. No final do conto ainda seguem duas páginas e meia de referências bibliográficas. Essa “brincadeira” de Lopez quebra a sequência da narrativa. O leitor é obrigado a ler pelo menos partes das notas porque a história *per se* não apresenta detalhes o suficiente para entender os seus conteúdos. Desta maneira, informações efêmeras como notas de rodapé ou de fim, que em geral são ignoradas pela maioria dos leitores, ganham destaque e permitem uma leitura diferente.

No seu romance “Se um viajante”, o escritor italiano Italo Calvino vai ainda mais longe ao propor a substituição de textos por notas: “Perdoe-me por perguntar, mas você não poderia incluir as notas de rodapé no corpo do texto e, talvez, condensar o texto um pouco e até – mas a decisão é sua – convertê-lo em uma nota de rodapé?” (CALVINO, 1981, p.67).

A narrativa anti-sequencial do meu artigo ressoa os “Mil Platôs” de Deleuze e Guattari (1995) que consideram seu livro como “rizoma” e os capítulos como “platôs”, “que podem ser lidos independentemente uns dos outros, exceto a conclusão, que só deveria ser lida no final” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, texto da aba). Eu iria mais longe. Será que a conclusão deveria ser lida no final? Não tenho dúvidas sobre romances de detective ou livros de suspense como “O Código Da Vinci”. O escritor faz questão da sua onisciência e brinca com os leitores. Lendo o fim do livro simplesmente tira as tensões artificialmente construídas, murcha o pneu. Autores de textos científicos tentam seguir a mesma estratégia quando seus artigos estão bem-estruturados. Portanto, quando se trata de textos muito densos, a leitura das considerações finais facilitaria a compreensão. Não há mistérios ou assassinos em artigos acadêmicos. Por isso, nem sempre leio a conclusão por último. Costumo ler artigos científicos de uma maneira não-sequencial: primeiro a introdução, depois as referências bibliográficas e as considerações finais. Por que não se pode ler a conclusão no começo ou no meio da leitura? Ao contrário de raízes, a estrutura rizomática não é hierárquica, Senhores Deleuze e Guattari. Não há uma ordem

definida. No caso dos livros e também dos textos acadêmicos, não há objeto nem sujeito por serem feitos

de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. [...] Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.11).

Mais recentemente, o geógrafo Paulo César da Costa Gomes (2013) lançou um livro sobre geografia e visualidade, no qual dispensa um sumário e uma estrutura sequencial dos capítulos. Gomes justifica a sua decisão que a editora acatou da seguinte maneira:

o texto, sem ter sido previamente constituído com esse interesse, tem um componente que se aproxima da ideia de *navegar*, quando utilizamos essa palavra para falar de visualização de sites eletrônicos. Isso quer dizer que podemos percorrer o texto, olhar de forma mais acurada determinadas parcelas, voltar com o cursor, avançar para ver até onde vai, recuar, ler de novo, enfim, há uma possível liberdade de percurso (...) sem querer, talvez o texto tenha seguido aquilo que anunciamos como uma nova forma de visualização, com muito mais autonomia e criatividade, um novo regime de visibilidade. Esperemos que assim o seja e que o leitor sintá-se convidado a trabalhar com a leitura de forma mais interativa (GOMES, 2013, p.319).

No meu artigo, estou usando esse procedimento como estratégia para provocar uma discussão mais ampla sobre narrativas e suas formas, com o intuito de pensar em maneiras diferentes de apresentar processos e eventos. Argumento que para compreender e explorar melhor as relações entre obras literárias e o pensamento cartográfico é preciso ir além da estrutura da narrativa. O texto resultante visa abrir caminhos alternativos para a leitura de textos, obrigando o leitor ou a leitora a “pular” de uma passagem para outra ou até ler os parágrafos do fim até o começo.

Nos “testes” com diversas estruturas que experimentei durante a produção deste artigo também trabalhei com notas de rodapé. Portanto, o visual ficou tão esdrúxulo que nem eu podia aceitar. Afinal, também vivo de acordo com certas regras burocráticas e princípios estéticos. Para facilitar a leitura, decidi aumentar a

fonte das notas de 10 (padrão) para 12 e manter o espaçamento de uma linha e meia.

O escritor checo Milan Kundera me serviu como mais uma fonte de inspiração e suporte para as minhas reflexões. Ao se queixar do automatismo das técnicas de escrita, Kundera escreve que

“[o romance] está sendo sobrecarregado de ‘técnicas’, pelas convenções que fazem o trabalho para o autor: apresentar um personagem, descrever um ambiente, inserir a ação em uma situação histórica, preencher o tempo nas vidas dos personagens como episódios supérfluos; cada mudança de cena pede uma nova apresentação, descrição, explanação. Meu imperativo é ‘janecekiano’ [alusão ao compositor checo *Leoš Janáček*]: livrar o romance do automatismo das suas técnicas e do verbalismo para torná-lo denso” (KUNDERA, 2003, p.73, tradução livre do autor).

As publicações acadêmicas também fazem parte desse universo literário. Não é suficiente propor novos caminhos e perspectivas. Precisamos pensar em modos diferentes para apresentar as nossas ideias. Pela maneira como escrevi esse artigo, pretendo destacar o que é considerado secundário ou efêmero, já que as notas de fim, por não terem entrado no texto principal, são dadas como menos importantes, textos “menores”. Essa estratégia ajuda a desconstruir a sequência linear das narrativas. Por essa razão, não segui as diretrizes para autores que exigem a estrutura clássica para trabalhos acadêmicos: introdução, materiais e métodos, resultados e discussão e considerações finais. De certa maneira, todas essas partes foram incluídas no artigo, mas não em sua ordem convencional. Portanto, ao escrever essas linhas, não tenho certeza se a academia vá aceitar a maneira como expressei as minhas ideias. Mas em última instância, a responsabilidade é do autor.

² O objetivo deste texto não é criar divisões ou limites interdisciplinares, mas mostrar o potencial dialógico entre a literatura e a cartografia. O que apresento neste artigo são perspectivas transdisciplinares sobre o tema a partir do ponto de vista de diferentes modos de pensar. As diversas abordagens se caracterizam pela sua pluralidade, multi-vocalidade e polissemia e não se excluem mutuamente.

³ Devido à estrutura deste artigo, o presente resumo, de certa forma, é uma versão abreviada e concentrada do corpo do texto de um pouco mais do que uma página e

meia que, por sua vez, é um resumo das notas de fim – em outras palavras, o resumo é um resumo do resumo. Baudrillard (1994, p.1) disse que, às vezes, o mapa precede o território. Nesse caso, parafraseando o filósofo francês, o resumo do meu texto literalmente precede o trabalho em dois sentidos: Por um lado, é **apresentado antes** do corpo do texto (o que é considerado convenção para muitas revistas científicas). Por outro lado, no caso especial deste artigo e na sua sequência temporal, o resumo foi **escrito antes** do texto principal (= as notas de fim), que, por sua vez, foi produzido a partir dos itens mencionados no texto que contém as referências às notas de fim. Em hipótese alguma quero fazer parte da “cultura de resumos” no ambiente acadêmico (MENDES, 2007, p.216): primeiro o resumo, depois o texto completo. Portanto, muitas vezes, o trabalho não passa de resumo, sem nada a seguir. Mas resumo de quê, quando não há trabalho para ser resumido?

⁴ Em anos recentes, estudos sobre geografia e literatura têm ganhado uma popularidade cada vez maior em círculos acadêmicos devido ao movimento de renovação na geografia cultural e ao surgimento de novas abordagens, sobretudo o fortalecimento da geografia humanista (BROSSEAU, 1994). No Brasil, as pesquisas sobre essa temática destacam os elementos geográficos encontrados em romances e poemas. Um exemplo entre o crescente número de publicações é a coletânea “Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação”, organizada por Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Gratão (2010). O livro junta 12 textos sobre a dimensão geográfica nos diferentes gêneros de literatura e toma obras literárias como ponto de partida para investigação, desde clássicos como “Macunaíma” de Mário de Andrade e “O Coração das trevas” de Joseph Conrad até a prosa poética de Guimarães Rosa e a poesia de Patativa do Assaré. Para os autores desse volume, o texto literário serve para explorar as dimensões espaciais no mundo da literatura para revelar o seu caráter geográfico e imaginativo. As publicações sobre geografia e literatura no Brasil, na maioria, são trabalhos “aplicados” no sentido de apresentar dados e não teorias ou metodologias. O pesquisador escolhe um autor ou uma obra para estudar a sua geograficidade ou se aproxima de uma cidade, um lugar ou uma região a partir de textos literários.

Os debates mundo afora mostram uma maior preocupação com questões teórico-metodológicas. O que importa não são apenas os conteúdos, mas também as estratégias de acessar e interpretar as informações nas obras literárias. Quase 20 anos atrás, Marc Brosseau (1994, p.347) criticou os geógrafos literários por seguirem caminhos muito convencionais e pouco inspiradores nas suas pesquisas, sem olhar para rupturas, subversões ou novos questionamentos. Segundo esse autor, deve-se prestar mais atenção aos aspectos formais dos textos *per se* em vez de exclusivamente considerar a dimensão geográfica nas obras literárias. Em outras palavras, é preciso incluir elementos como estrutura, redação, modo narrativo, uso de linguagem e estilo nos estudos antes de realizar qualquer tipo de interpretação. Brosseau se apropria dos debates pós-estruturalistas na geografia nos quais questões sobre discurso e textualidade têm ganhado cada vez mais peso. Geógrafos começaram a ler paisagens e mapas como textos (BARNES; DUNCAN, 1992; HARLEY, 2009). A análise das texturas e estruturas desses elementos e suas ambiguidades, polissemias, complexidades e auto-referencialidades pode não apenas ajudar a compreender como objetos se constroem no discurso geográfico e como os geógrafos praticam suas leituras, mas também pode revelar “como o texto literário talvez se constitua também como ‘geógrafo’ por si só porque gera normas, modelos particulares de legibilidade que produzem um tipo específico de geografia” (BROSSEAU, 1994, p.349). O texto literário gera textos acadêmicos que, por sua vez, também merecem ser investigados.

Angharad Saunders (2010) sugeriu tratar as geografias literárias como geografias textuais ou dos textos, englobando não apenas os romances, mas também obras de não ficção: Saunders afirma que “não é mais meramente o ficcional que incita o interesse geográfico, mas também, cada vez mais, a riqueza do não ficcional através de que a palavra escrita opera. Isso é mais do que um reconhecimento de que textos fazem parte do mundo social” (SAUNDERS, 2010, p.437). O foco está nos fluxos e nas omissões entre o textual e o espacial que, em conjunto, geram espaços e práticas de produção e recepção que, por sua vez, propiciam as geografias e sentidos de um texto.

Em uma revisão bibliográfica recente sobre o subcampo, Sheila Hones (2008) desenvolve mais a questão da textualidade ao conceber o texto, seja esse literário

ou acadêmico, como evento espacial que “acontece”. A autora observa que a geografia literária ganha novos rumos e novas inspirações no ambiente interdisciplinar. Saber como críticos literários pensam espacialmente e como geógrafos pensam literariamente ajuda a estabelecer um diálogo entre as diferentes disciplinas para compreender as geografias do texto e os textos da geografia como coexistentes e reciprocamente co-produtivos (HONES, 2008, p.1314).

A ênfase nessa abordagem, inspirada pelos estudos de performance nas artes, está no movimento e na ação. Textos não são concebidos como meros produtos estáticos aguardando a sua interpretação, mas processos, performances e conjuntos de práticas espaciais que destacam a geografia do texto e a interseção de múltiplos atores (autores, leitores etc.) e ações (produção, leitura etc.). Assim, o texto não possui estabilidade no tempo e no espaço, porque é sempre um evento que emerge (SAUNDERS, 2013, p.286). O texto como evento ou processo consiste em inter-relações espaciais complexas que conectam o autor, o texto e o leitor, permitindo múltiplas (re)escritas e (re)leituras que não produzem um objeto estável, mas um desdobramento permanente (HONES, 2011, p.248). Nem o “leitor solitário” escapa desse enredo e se engaja com o espaço como dimensão de diferença e distância: “ele ou ela está conectado espacialmente não apenas a uma história, um livro ou um texto, mas também a um narrador, um autor e uma multidão de outros leitores, conhecidos ou desconhecidos, presentes ou ausentes, próximos ou longe” (HONES, 2011, p.247). Trata-se de produções de textos e mundos, isto é, práticas sociais vividas que se relacionam com a tinta no papel, o dedo no teclado, o indicador folheando as páginas (SAUNDERS, 2013, p.285). Desta maneira, abre-se uma nova perspectiva para estudar literatura e suas geografias e cartografias. Nas palavras de Rossetto (2013), a cartografia literária do presente se baseia muito na análise e crítica na interface entre as duas áreas sem levar em consideração abordagens pós-representacionais na teoria cartográfica que enfatizam performance e ontogêneses (a criação de significados) em vez de representações e ontologias (ROSSATO, 2013; KITCHIN; DODGE, 2007; KITCHIN, 2010).

⁵ As “geografias pós-modernas” do geógrafo americano Edward Soja (1993) tiveram um impacto muito forte na comunidade geográfica. Ao reafirmar a importância do

espaço e seu potencial interpretativo no pensamento social contemporâneo, Soja conclui que “hoje, porém, talvez seja mais o espaço do que o tempo que oculta de nós as consequências, mais a ‘construção da geografia’ do que a ‘construção da história’ que proporciona o mundo tático e teórico mais revelador” (SOJA, 1993, p.7). No seu livro, Soja destacou a simultaneidade do espaço ao lado dos mecanismos da historicidade com as suas cronologias:

(...) o fluxo sequencial é frequentemente desviado para levar concomitantemente em conta as simultaneidades, os mapeamentos laterais que possibilitam entrar na narrativa quase que em qualquer ponto, sem perder o objeto geral: criar modos mais criticamente reveladores de examinar a combinação de tempo e espaço, história e geografia, período e região, sucessão e simultaneidade (SOJA, 1993, p.8).

Essa virada espacial também atingiu áreas de conhecimento das humanidades e ciências sociais como os estudos literários e culturais, sociologia, ciências políticas, antropologia, história e história da arte. Neste contexto, o espaço é concebido como uma construção social relevante para a compreensão da ação humana e a produção de fenômenos culturais: “*onde coisas acontecem é decisivo para saber como e por que acontecem*” (WARF & ARIAS, 2009, p.1, grifo no original).

O resultado desse diálogo é o surgimento de novos temas e perspectivas transdisciplinares e a combinação de diferentes metodologias que se juntam em um campo que Richardson e colaboradores (2011) denominam “geo-humanidades”:

A partir dessa fusão um caleidoscópio de produções intelectuais e artísticas atualmente está emanando. Você pode ver isso nos mapas híbridos dos cartógrafos radicais e nas criações artísticas da geografia experimental; ou quando filósofos e teóricos literários que se preocupam com a investigação da espacialidade fundamental da vida se engajam com a construção de lugares e paisagens; ou quando urbanistas se interessam pela arte para ter visões sobre a cidade do futuro (RICHARDSON et al., 2011, p.3).

⁶ Piatti et al. (2009) observam que para mapear um espaço de ficção, os diversos elementos da estrutura espacial do texto literário e suas funções precisam ser identificados. Os autores listam cinco categorias principais que compõem o espaço literário: (1) o cenário que é o espaço onde as ações se realizam; (2) a zona de ação

que é a combinação de todos os cenários (uma cidade inteira, uma região etc.); (3) o espaço projetado que existe em forma de lembranças, sonhos ou desejos dos personagens que não estão fisicamente presentes nesses cenários; (4) o marcador que é um lugar que não pertence às categorias anteriores, mas que indica a abrangência e o horizonte de um espaço de ficção; (5) a rota pela qual os personagens se locomovem em modos distintos: a pé, no trem, no carro, no lombo de um cavalo etc.

Reuschel e Hurni (2011, p.294) chamam a atenção pela unicidade dos espaços em obras literárias, apresentando uma lista de características específicas. Espaços ficcionais são fragmentários. O autor constrói a dimensão espacial do seu romance ou poema através das suas palavras e deixa, intencionalmente ou não, lacunas que o leitor precisa preencher com a sua imaginação. Como consequência dessa fragmentação, os limites e delimitações do espaço literário permanecem vagos e incertos, diferentes das fronteiras naturais, administrativas e políticas. Às vezes, torna-se difícil localizar cenários e zonas de ação de uma obra de ficção no espaço real, porque não existem referências concretas e claras para definir a posição. A temporalidade nos romances também é um fator importante. Uma obra literária registra momentos determinados que nem sempre correspondem à situação atual. Por exemplo, muitos romances de Charles Dickens retratavam a vida urbana em Londres no século XIX e serviram como registros históricos para reconstruir o passado da cidade.

O desafio dessas cartografias literárias é como mapear narrativas e as suas estruturas espaciais complexas (PIATTI et al., 2009, p.177). Ao mesmo tempo, mapas podem se tornar instrumentos de interpretação. No seu *Atlas do Romance Europeu*, o teórico literário italiano Franco Moretti (2003) converte tramas de romances do século XIX em enredos espaciais. Moretti filtra informações sobre lugares, movimentos e eventos com conotação geográfica que transfere para um mapa: os cenários geográficos dos contos góticos ingleses na Europa, as moradias e trajetórias dos personagens dos romances de Charles Dickens e Emile Zola em Londres e Paris, as cenas do crime e os movimentos de Sherlock Holmes na obra de Arthur Conan Doyle, para mencionar apenas alguns exemplos. Os romances não contêm mapas, mas Moretti espacializa as tramas para tornar as relações entre

literatura e geografia visíveis, além do que foi pensado pelos autores que nunca pensaram em escrever obras espaciais. Neste sentido, “situar um fenômeno literário em seu espaço específico – mapeá-lo – não é a conclusão do trabalho geográfico: é seu *início*. Depois disso começa, de fato, a parte mais desafiadora de todo o empreendimento: olhamos o mapa e *pensamos*” (MORETTI, 2003, p.17, grifo no original).

As cartografias literárias ajudam a visualizar as sobreposições completas de espaços reais e fictícios (PIATTI; HURNI, 2011). Escritores têm toda liberdade de se inspirar na realidade e transformar ou até reinventar lugares, regiões e territórios:

A geografia da ficção segue as suas próprias regras distintas, porque a literatura pode criar qualquer espaço sem restrições físicas. As ferramentas características da produção literária, apenas para mencionar uma opção, incluem a possibilidade de desestabilizar geografias presumidas. Faz parte dos objetivos ambiciosos da geografia literária descobrir mais sobre essas regras e demonstrar que a dimensão espacial de relatos ficcionais pode ser, de fato, mais uma chave para a compreensão da trama inteira” (PIATTI; HURNI, 2011, p.218).

Estudos sobre literatura, geografia e cartografia podem servir a dois propósitos, pelo menos. Por um lado, “o mapeamento de ficção permite uma compreensão melhor e mais profunda de como ficção funciona (...); abre novos horizontes para estudos literários, porque alguns mapas tornam aspectos visíveis que antes tinham ficado invisíveis” (PIATTI; HURNI, 2011, p.222). Por outro lado, a leitura geográfica de obras literárias

pode mudar o nosso entendimento – não apenas de livros, mas também do mundo em que vivemos. Cria conhecimento. Através da geografia literária, aprendemos mais sobre a produção de lugares, suas camadas históricas, seus significados, funções e valores simbólicos. Quando lugares surgem a partir da combinação de elementos reais e relatos ficcionais, a geografia e cartografia literárias, então, podem funcionar como formas de revelação muito eficientes (PIATTI; HURNI, 2011, p.222).

⁷ De certa forma, ficamos presos na rigidez da estrutura de um texto. Pearson e Shanks (2001) acusam a inflexibilidade da escrita e afirmam que

quando escrevemos, um texto se forma e congela. Inevitavelmente sem nada para nos guiar, ele viaja na horizontal da esquerda para a

direita (talvez isso não seja o caso se fossemos japoneses ou iranianos ou ...), de cima para baixo, obrigando o leitor a seguir nossas rotas à mesma maneira como as fizemos. Primeiro nada, depois alguns poucos signos que nos orientam, e aqueles que nos seguem, um mapa rudimentar. Assim, escrever trama uma viagem. Mas essa é descontínua, repleta de lacunas, pausas, espaços por cima dos quais pulamos porque sabemos a direção. E apenas ocasionalmente paramos ou andamos por aqui ou acolá para as notas de rodapé ou o índice (PEARSON; SHANKS, 2001, p.132).

⁸ A partir dos anos 80 do século passado, cartógrafos como Brian Harley procuraram relacionar a cartografia com a teoria social crítica. A publicação do artigo “Desconstruindo o mapa” (HARLEY, 1989) provocou reações positivas e negativas e reflexões mais profundas sobre a natureza dos mapas, de modo que geógrafos e cartógrafos começaram a “experimentar” com ideias, princípios e concepções de diferentes filósofos espaciais como Jacques Derrida (HARLEY, 1989), Michel Foucault (CRAMPTON, 2010), Jean Baudrillard (SMITH, 2003) e Jacques Deleuze (PEREZ DE LAMA, 2009; GERLACH, 2014). Há uma vasta bibliografia de publicações recentes que convidam a repensar os mapas como algo além de meras representações. Em vez de meros registros no papel, há um interesse crescente nos “modos, métodos e momentos” associados aos mapas, seus autores e leitores (DODGE; KITCHIN; PERKINS, 2009). Mapas são concebidos como inscrições (PICKLES, 2004), propósitos (WOOD; FELS, 2008; WOOD, 2010), práticas em constante (trans)formação (KITCHIN; GLEESON; DODGE, 2013) ou apresentações que podem ser rasuradas ou derivadas (OLIVEIRA Jr., 2012). Apesar da riqueza dessas visões cartográficas, não será possível discutir cada abordagem em detalhe, devido ao limite de páginas para este artigo.

⁹ Abordei o caráter processual dos textos e dos mapas na quarta nota de fim, na qual mencionei a concepção de produções textuais e cartográficas como eventos. Além dessa perspectiva, surgiu outra ideia no decorrer da última década: textos e mapas são concebidos como narrações e os geógrafos como contadores entusiásticos de histórias. Eles não apenas estudam, mas também contam histórias, o que desloca a discussão dos textos para quem está diretamente envolvido no processo: os autores e os leitores. Emilie Cameron (2012, p.574) observa que

Sob uma perspectiva pós-estruturalista, geógrafos sempre “têm contado histórias”; se aceitamos a proposição de que conhecimento é construído narrativamente, então todos os escritos geográficos devem ser entendidos como formas de contar histórias. Mais foi apenas pouco tempo atrás que a narração de histórias começou a ser entendida como um ato muito mais disciplinado e discursivo; as maneiras de que conhecimento foi implicado em processos de colonização, construção social de raças, visualização e categorização foi um foco de trabalho importante nos anos 90, e continua sendo até hoje (CAMERON, 2012, p.587).

Para esses geógrafos, formas narrativas se revelam como um estilo de escrita, tão importante como os conteúdos, já que a “narração de histórias não é exclusivamente sobre a representação de uma realidade estável lá fora ou o desenvolvimento de um argumento em um sentido convencional, mas também sobre a forma do jogo com as possibilidades e a prática de mover o pensamento geográfico em novas direções” (p.585).

Sébastien Caquard (2012) estende esse debate à cartografia ao afirmar que mapas podem ser vistos como uma forma inspiradora de contar histórias. No seu ensaio bibliográfico sobre as relações entre mapas, narrativas e metanarrativas, Caquard observa que “a virada espacial nas humanidades tem produzido um interesse entusiasmado em mapas e cartografia” (CAQUARD, 2012, p.136), enquanto a cartografia começou a englobar o mapeamento como um arcabouço conceitual para o melhor entendimento da estrutura de romances. Por outro lado, teóricos literários se apoderaram da ideia de mapeamento como metáfora para explorar as relações entre um autor e os lugares responsáveis pela estruturação da sua obra.

¹⁰ Há um número crescente de estudos sobre autores que produziram ou encomendaram mapas como ilustrações para as suas obras literárias, desde o caso trágico do mapa original para a *Ilha do Tesouro* que Robert Louis Stevenson mandou para o seu editor e que se perdeu no caminho (WOODWARD, 1993) e os mapas narrativos nas *Viagens Extraordinárias* de Júlio Verne (HARPOLD, 2005) até a cartografia ambiental e temática no *Senhor dos Anéis* (HABERMANN; KUHN, 2011) e o “Dicionário dos Lugares Imaginários”, editado por Alberto Manguel e Gianni Guadalupi (2003).

Para outros autores, escrever sobre a cartografia é uma experiência pessoal, quase “auto-cartográfica”. Por exemplo, o escritor americano Peter Turchi (2004) escreve que “a criação artística é uma viagem ao desconhecido. Nos nossos olhos, estamos fora do mapa. A expectativa da descoberta potencial está acompanhada de ansiedade, desespero, cautela, talvez ousadia e, sempre, o risco do fracasso” (p.13). Turchi discursa sobre o significado de lacunas, áreas vazias, e o *horror vacui*, isto é, o medo do vazio nos mapas. O mapa se destaca tanto pelos seus conteúdos como pelas informações que não foram incluídas, ressoando os estudos sobre silêncios e segredos nos mapas, realizado por Harley no fim dos anos 80 (HARLEY, 1988). A imaginação humana cria a vontade de preencher esse vão. Turchi estabelece uma ligação entre esses vazios cartográficos e os ossos de ofício de um escritor. Para ele, “o espaço vazio daquilo que não foi escrito é um desafio que escolhemos para encarar. Enfrentamo-lo porque, como os exploradores do mundo físico, queremos saber mais sobre onde – e por que e como – vivemos” (p.41). Igual ao cartógrafo, o escritor decide o que omite, revela ou deixa em fragmentos ou subentendido. A obra literária possui características semelhantes a um mapa. Turchi conclui que

talvez a última mancha branca seja o espaço entre o leitor e o escritor – ou, mais precisamente, o espaço entre a história que criamos e enviamos para o mundo e a história que cada leitor percebe. As obras saem das nossas mãos; depois de serem lidas, saem das mãos da leitora. Essa devolve nosso livro às estantes, agora ciente de que tinha sido um espaço branco, vazio, um deserto previamente pouco notável na sua paisagem imaginativa. Com o nosso lápis invisível, temos adicionado uma linha para a sua carta do mundo (TURCHI, 2004, p.71).

Além de escritores como cartógrafos, também existem cartógrafos como escritores. Esses cartógrafos literários realizaram levantamentos topográficos e sentiram que o mapa como uma representação bidimensional da paisagem deixava de comunicar sobre os lugares que eles visitaram (VAN NOY, 2003, p.xvi). Enquanto os mapas desses cartógrafos e topógrafos apresentavam a paisagem, os textos que produziram sobre a paisagem re-presentam o lugar como foi experimentado por eles, mostrando a sua preocupação com a questão de como mapear lugares e descrever e explicá-los. Desta maneira, criam “literatura, profundidade e sentido para explorar a narrativa espacial do mapa” (p.xviii).

Essa cartografia literária vai além da visão matemática de um trabalho técnico e leva em consideração “a multiplicidade das coisas na superfície da Terra, as coisas que podem ser pensadas sobre essa, as palavras que podem ser ditas sobre ela” (RYDEN, 1993, p.16). Inicialmente, muitos desses cartógrafos literários começaram o seu trabalho tendo o mapa como objetivo. Portanto, no decorrer do estudo perceberam que para conhecer um lugar era preciso de uma leitura mais complexa e profunda do ambiente para realizar a transição do abstrato para o particular (VAN NOY, 2003, p.3). A experiência direta converteu o espaço frio dos mapas em lugar, incluindo as suas histórias.

¹¹ Utilizo a última nota de fim deste artigo à guisa de uma conclusão. Em vez de resumir e sintetizar os conteúdos mais importantes do artigo - as relações entre cartografia e literatura -, aproveito desse espaço para comentar sobre as formas de expressar ideias. A maneira de como apresentei os meus pensamentos sobre o tema pode ser considerada como “quebra de decoro”, isto é, um desrespeito para com as normas das publicações científicas. Portanto, lidando com as estruturas e convenções acadêmicas diariamente, penso que os debates na geografia não se enriquecem apenas pela introdução de novos saberes, teorias e abordagens, mas também pelos fazeres e práticas, inclusive as formas de escrever sobre as nossas ideias de uma maneira criativa e cativante (GOLDSMITH, 2011). Paraphrasing o filósofo amazonense Thiago de Mello, não há necessariamente novos caminhos, mas há jeitos diferentes de caminhar. Nas palavras do geógrafo escocês Hayden Lorimer,

parece que nesses dias está sendo dada uma valorização crescente à performance, apresentação e escrita criativas sobre estudos geográficos do lugar e da ‘paisagem’ (...) Diversas empreitadas criativas de escrita (...) demonstram uma vontade cada vez maior de experimentar com a natureza e a forma de escrever e uma disposição para considerar o estilo como assunto emergente e não como preocupação suplementar (LORIMER, 2008, p.182).

O geógrafo americano Allan Pred, um dos mais conhecidos agentes provocadores para subverter palavras e estilos nas publicações geográficas, condensa esse pensamento em um poema em poucas linhas:

Por que toda essa conversa sobre um mundo, caracterizado
Por múltiplas vozes,
Por múltiplos conjuntos de significado,
Por múltiplas maneiras de saber,
Por relações em múltiplas escalas, mas em convergência local,
E tão pouco compromisso para com múltiplas maneiras de escrever?
(PRED, 1999, p.277).

A criatividade não se restringe às palavras, mas também inclui outras linguagens e formas de expressão, de modo que

não precisamos necessariamente descobrir formas alternativas de escrever ou representar as nossas geografias. Um mapa, uma imagem, uma palavra, um texto – todos são formas de criação, todos são, em grande medida, expressões pessoais, escrevemos para criar sentido a partir do mundo (COSGROVE; DOMOSH, 1993, p.37).

Neste sentido, a combinação de ficções e realidades, fatos e fantasias, espaços e mapas reais e imaginários, junto com modos inovadores de apresentar ideias e informações, pode ser considerada uma iniciativa enriquecedora, tanto para a geografia e a cartografia como para os estudos literários.

REFERÊNCIAS

BARNES, Trevor; DUNCAN, James (Orgs.). **Writing worlds. Discourse, text and metaphor in the representation of landscape**. London: Routledge, 1992.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacra and simulation**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1994.

BROSSEAU, Marc. Geography's literature. **Progress in Human Geography**, v.18, p.333-353, 1994.

CALVINO, Italo. **If on a winter's night a traveler**. London: Harcourt, 1981.

CAMERON, Emilie. New geographies of story and storytelling. **Progress in Human Geography**, v.36, n.5, p.573-592, 2012.

CAQUARD, Sébastien. Cartography I: mapping narrative cartography. **Progress in Human Geography**, v.37, n.1, p.135-144, 2013.

COSGROVE, Denis; DOMOSH, Mona. Author and authority: Writing the new cultural geography. In: DUNCAN, James; LEY, David (Orgs.). **Place/culture/representation**. London: Routledge, 1993, p.25-38.

CRAMPTON, Jeremy. **Mapping. A critical introduction to cartography and GIS**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DODGE, Martin; KITCHIN, Rob; PERKINS, Chris (Orgs.). **Rethinking maps. New frontiers in cartographic theory**. London: Routledge, 2009.

GERLACH, Joe. Lines, contours and legends. Coordinates for vernacular mapping, **Progress in Human Geography**, v.38, n.1, p.22-39, 2014

GOLDSMITH, Kenneth. **Uncreative writing. Managing language in the digital age**. New York: Columbia University, 2011.

GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar. Elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HABERMANN, Ina; KUHN, Nikolaus. Sustainable fictions - geographical, literary and cultural intersections in J.R.R. Tolkien's The Lord of the Rings. **The Cartographic Journal**, v.48, n.4, p.263-273, 2011.

HARLEY, John Brian. Silences and secrecy: the hidden agenda of cartography in early modern Europe. **Imago Mundi**, v. 40, p.57-76, 1988.

_____. Deconstructing the map. **Cartographica**, v.26, n.2, p.1-20, 1989.

_____. Mapas, saber e poder. **Confins** [Online], n.5, 2009. Disponível em <http://confins.revues.org/5724>. Acesso em 14/11/2013.

HARPOLD, Terry. Verne's cartographies. **Science Fiction Studies**, v.32, n.1, p.18-42, 2005.

HONES, Sheila. Text as it happens: literary geography. **Geography Compass**, v.2, n.5, p.1301-1317, 2008.

HONES. Literary geography. The novel as a spatial event. In: DANIELS, Stephen; DELYSER, Dydia; ENTRIKIN, Nicholas; RICHARDSON, Doug, orgs. **Envisioning landscapes, making worlds. Geography and the humanities**. London: Routledge, 2011, p.247-255.

KITCHIN, Rob. Post-representational cartography. **Lo Squaderno**, v.15, p.7-12, 2010.

KITCHIN, Rob; DODGE, Martin. Rethinking maps. **Progress in Human Geography**, v.31, n.3, p.331-344, 2007.

KITCHIN, Rob; GLEESON, Justin; DODGE, Martin. Unfolding mapping practices: a new epistemology for cartography. **Transactions of the Institute of British Geographers, N.S.**, v.38, n.3, p.480-496, 2013.

KUNDERA, Milan. **The art of the novel**. New York: Harper/Collins, 2003.

LOPEZ, Barry. Rubén Mendoza Vega, Suzuki Professor of Early Caribbean History, University of Florida at Gainesville, Offers a History of the United States based on Personal Experience. In: LOPEZ, Barry. **Light action in the Caribbean**. New York: Alfred Knopf, 2000, p.68-80.

LORIMER, Hayden. Poetry and place: The shape of words. **Geography**, v. 93, p.181-182, 2008.

MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. **Dicionário dos Lugares Imaginários**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MARANDOLA Jr., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (orgs.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Ed.UEL, 2011.

MENDES, José Pinto. Guidelines or blindlines? Da evidência á clarividência. **Revista Portuguesa de Imunoalergologia**, v.15, n.3, p.213-225.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu, 1800-1900**. São Paulo: Boitempo, 2003.

OLIVEIRA Jr. Wenceslao Machado de. Mapas em deriva. Imaginação e cartografia escolar. **Geografares**, v.12, p.1-49, 2012.

PEARSON, Mike; SHANKS, Michael. **Theatre/archaeology**. London: Routledge, 2001.

PEREZ DE LAMA, José. La avispa y la orquídea hacen mapa en el seno de un rizoma: Cartografía y máquinas, releendo a Deleuze y Guattari. **Pró-Posições**, v.20, n.3, p.121-145, 2009.

PIATTI, Barbara; BÄR, Hans Rudolf; REUSCHEL, Anne-Kathrin; HURNI, Lorenz; CARTWRIGHT, William. Mapping literature: towards a geography of fiction. In: CARTWRIGHT, William; GARTNER, Georg; LEHN, Antje, orgs. **Cartography and art**. Berlin: Springer, 2009, p.177-192.

PIATTI, Barbara; HURNI, Lorenz. Editorial: cartographies of fictional worlds. **The Cartographic Journal**, v.48, n.4, p.218-223, 2011.

PICKLES, John. **A history of spaces. Cartographic reason, mapping and the geo-coded world**. London: Routledge, 2004.

PRED, Allan. From living with/in the lines to lines of questioning. **Gender, Place and Culture**, v.6., n.3, p.273-279, 1999.

RICHARDSON, Douglas; LURIA, Sarah; KETCHUM, Jim; DEAR, Michael. Introducing the geohumanities. In: DEAR, Michael; KETCHUM, Jim; LURIA, Sarah; RICHARDSON, Doug, orgs. **Geohumanities: art, history, text at the edge of place**. London: Routledge, 2011, p.3-4.

ROSSATTO, Tania. Theorizing maps with literature. **Progress in Human Geography Online**, publicado em 19/11/2013. Disponível em <<http://phg.sagepub.com/content/early/2013/11/19/0309132513510587.abstract>>. Acesso em 19/02/2014.

RYDEN, Kent C. **Mapping the invisible landscape**. Iowa City: University of Iowa Press, 1993.

SAUNDERS, Angharad. Literary geography: reforging the connections. **Progress in Human Geography**, v.34, n.4, p.436-452, 2010.

_____. The spatial event of writing: John Galsworthy and the creation of *Fraternity*. **Cultural Geographies**, v.20, n.3, p.285-298, 2013.

SMITH, Richard G. Baudrillard's nonrepresentational theory: burn the signs and journey without maps. **Environment and Planning D: Society and Space**, v.21, n.1, p.67-84, 2003.

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

TURCHI, Peter. **The writer as cartographer**. San Antonio: Trinity University Press, 2004.

VAN NOY, Rick. **Surveying the interior. Literary cartographers and the sense of place**. Reno: University of Nevada Press, 2003.

WARF, Barney; ARIAS, Santa. Introduction: the reinsertion of space into the social sciences and humanities. In: WARF, Barney; ARIAS, Santa, orgs. **The spatial turn: interdisciplinary perspectives**. London: Routledge, p.1-10.

WOOD, Denis; FELS, John. **The natures of maps: cartographic constructions of the natural world**. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

_____. (com John Fels e John Krygier). **Rethinking the power of maps**. New York: Guilford Press, 2010.

WOODWARD, David. History of Cartography Project: no.2: a treasure map. [1993]. Disponível em <http://www.geography.wisc.edu/histcart/broadsht/brdsht2c.pdf>. Acesso em 12/11/2013.